

25 anos de contribuições às ciências da comunicação

Carlos Eduardo Souza Aguiar
Francisco de Assis
Luís Mauro Sá Martino
Michelle Prazeres

Faculdade Cásper Líbero | libero@casperlibero.edu.br

Quando **LÍBERO** foi criada, 25 anos atrás, o ambiente midiático era dominado pela televisão, com destaque também para o rádio; havia uma coisa nova, estranha, chamada “internet”, e promessas de que ela mudaria radicalmente a comunicação – o que gerou olhares céticos e de entusiasmo na mesma proporção. “Redes sociais” eram um termo restrito à sociologia dos grupos; palavras como “postar”, “curtir” e “compartilhar” podiam muito bem se referir aos correios (“postar uma carta”), a uma música (“curti esse som”) ou a uma informação (“vou compartilhar esse dado”).

A revista acompanhou as transformações suscitadas desde 1997, abrindo espaço tanto para os olhares de crítica quanto para perspectivas empíricas mais positivas sobre as “novas mídias”, lembrando que a ciência se faz na pluralidade e no debate. Nomes do primeiro time de pesquisadoras e pesquisadores do Brasil e do exterior encontraram lugar em suas páginas, assim como jovens autoras e autores.

Periódicos acadêmicos são elemento central na divulgação do conhecimento há pelo menos 400 anos. Ao que tudo indica, lembram Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, em *O*

*aparecimento do livro*¹, a história começa na França, com uma decisão ministerial, apoiada pelo rei Luís XIV, de criar o *Journal des Savants*, destinado à exposição e ao debate de ideias. Mais ou menos no mesmo período, a Sociedade Real Inglesa começa a publicar as *Transactions*, originalmente uma compilação das cartas trocadas entre seus participantes a respeito de estudos, experimentos e descobertas. A noção de “ciência”, no sentido moderno, estava sendo construída aos poucos e, mesmo com várias resistências encontradas, já apresentava duas de suas principais características: a investigação criteriosa de um tema e o debate público de ideias. A validade do conhecimento não era mais garantida pela autoridade de uma única pessoa, mas por sua participação em algo maior, que nos séculos seguintes ganharia o nome de “comunidade científica”.

Quatro séculos depois, o cenário mudou radicalmente, mas algumas de suas premissas parecem se manter. De um lado, a ciência ainda encontra ampla resistência em alguns meios, sendo vista com reserva e desconfiança; de outro, o critério de validade do saber continua sendo o debate e a troca de informações em uma comunidade. Certamente, a “ciência” mudou bastante, e o filósofo interessado em diversos assuntos, como Isaac Newton ou Goethe, deu lugar à cientista especializada em uma área. Seu núcleo também mudou, e no atravessamento de questões políticas, o conceito de uma ciência única e válida, vinda de uma matriz hegemônica, abriu frente para perguntas sobre suas condições de produção – o espaço das diferenças como conhecimento validado e a variedade de epistemologias para tratar a realidade. Esse cenário macro pode ajudar a pensar, em outra escala, o lugar que ocupamos.

Uma edição especial

Esta edição comemorativa de **LÍBERO**, de representativo nº 50, busca contribuir com o debate sobre o(s) espaço(s) da pesquisa em comunicação, tensionando proximidades e distâncias em termos de genealogias, modos e *locus* de produção científica e diálogos entre questões e perspectivas. Foi pensada também como forma de valorizar as *epistemologias do Sul*. Inspiramo-nos notadamente no conceito formulado por Boaventura de Sousa Santos, assumindo que a este periódico, situado no Sul global, cabe o papel de reforçar a disseminação de conhecimento autóctone que possa, ainda que aos poucos, ser reconhecido como saber legítimo e capaz de “concorrer” com as epistemologias do Norte. Vejamos que o “Sul” de que nos fala Sousa Santos não é necessariamente geográfico, mas potencialmente simbólico:

O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu que, com exceção da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global (Europa e América

¹ FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Edusp, 2018.

do Norte). A sobreposição não é total porque, por um lado, no interior do Norte geográfico, classes e grupos sociais muito vastos (trabalhadores, mulheres, indígenas, afro-descendentes) foram sujeitos à dominação capitalista e colonial e, por outro lado, porque no interior do Sul geográfico houve sempre as “pequenas Europas”, pequenas elites locais que beneficiaram da dominação capitalista e colonial e que depois das independências a exerceram e continuam a exercer, por suas próprias mãos, contra as classes e grupos sociais subordinados. A ideia central é, como já referimos, que o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes².

O intercâmbio Sul-Sul fortalece os laços que nos unem em razão de nossa história e dos valores latino-afro-ibero-americanos que delineiam nossa identidade multicultural. Se são muitos os desafios que as “ecologias dos saberes” nos impõem, principalmente no sentido de nos fazermos ouvir pela comunidade científica mundial, também é grande o nosso intento de valorizar saberes outros que não aqueles tidos como hegemônicos.

Não por acaso, a seção especial a que demos o título **Ciências da comunicação nas lentes das epistemologias do Sul** apresenta três perspectivas de revisão elaboradas por autores que foram provocados a submeter contribuições a este número festivo. Trata-se de uma reunião de textos ao mesmo tempo modesta e ambiciosa. Modesta por sua própria dimensão, propositalmente pequena, porque nos interessava adensar reflexões em termos de qualidade, e não de quantidade. E ambiciosa porque espera, a partir do que aqui se apresenta, (1) marcar posição subversiva diante de percepções dominantes e homogeneizantes sobre a ciência, que toma como parâmetro a régua de campos consolidados e afeta negativamente aqueles que se situam na periferia da pesquisa institucionalizada, como é o caso da comunicação; (2) voltar a atenção para objetos, contextos, análises e formação de um pensamento comunicacional no “triângulo” geográfico-simbólico formado por América Latina, África e Península Ibérica; e (3) tensionar os critérios de qualificação da produção científica nesse contexto, especialmente no Brasil, de modo a repensar certos direcionamentos que são feitos sem criticidade. Esse conjunto de artigos, aos quais se soma a entrevista, consegue, sem dúvida, pautar discussões necessárias.

A referida seção é iniciada com o artigo *Comunicação na, a partir da e para a cultura. Notas para um balanço dos estudos culturais (em comunicação) na América Latina: trajetória, temas e críticas*, da mexicana Marta Rizo García, versado ao português como forma de estimular sua circulação entre os leitores brasileiros, especialmente aqueles em fase de formação (lembremos que a barreira linguística é um dos elementos que constitui o “Sul” aqui

² SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. Introdução. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 12-13.

defendido). Publicar a tradução do balanço que Rizo García faz sobre o desenvolvimento dos estudos culturais na América Latina, especialmente na sua dimensão comunicacional, demarca posição fundamental: a de, sem deixar de promover inserção internacional por meio de publicações em inglês, não abdicar da língua portuguesa para a partilha do conhecimento gerado no Brasil, porque isso também define quem somos.

Em seguida, *O sistema dos media e a política em Moçambique*, de Ernesto C. Nhanale, permite-nos apreciar uma interessante análise sobre o sistema midiático de um país da África lusófona – tão perto de nós, em muitos aspectos, mas igualmente tão desconhecido, em razão de obstáculos que ainda havemos de superar – e sua relação com o regime democrático conquistado há poucas décadas. É possível reconhecer vários paralelos nessas considerações. Nhanale faz parte de uma geração de jovens pesquisadores que têm dinamizado as ciências da comunicação no continente africano e que merecem ser lidos e considerados na bibliografia corrente no Brasil.

A seção inicial é encerrada com o texto *Periódicos científicos e difusão do conhecimento comunicacional: do diagnóstico ao debate sobre métricas de avaliação de impacto*, de Cicilia M. Krohling Peruzzo, diretamente relacionado ao propósito de **LÍBERO** – e que, aliás, esboça posição semelhante à que pontuamos acima, a respeito do uso do idioma materno como ato de resistência. A autora leva em conta as discussões suscitadas no âmbito do Fórum de Publicações e Difusão do Conhecimento Científico (FPDCC) da Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Confibercom) – por ela coordenado de 2011 a 2016 –, com destaque para o sistema de medição de impacto, afetado por interesses privados, especialmente de empresas editoriais consideradas “predadoras”. As partes finais do texto são uma espécie de manifesto em defesa da autonomia, da sustentabilidade e de uma qualidade dos periódicos mensurada por critérios próprios, e não “importados” ou, muito menos, submetidos a uma lógica mercantil.

Como antecipado, o núcleo especial é complementado com a seção **Entrevista**, na qual encontra-se o registro de uma conversa com Maria Immacolata Vassallo de Lopes, professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e um dos nomes mais expressivos da área da comunicação no Brasil. Sua posição firme em relação às demandas do campo está pontuada em diagnóstico sobre os avanços verificados e sobre algumas tendências.

* * *

Na seção **Artigos**, temos nove abordagens alinhadas, cada qual a seu modo, à mobilização precedente em torno das epistemologias do Sul.

O debate sobre a Nova Teoria da Comunicação: questões sobre fenomenologia, ontologia, linguagem e epistemologia, de Deodato Rafael Libanio, revisita o trabalho de Ciro Marcondes Filho (1948-2020), professor da ECA-USP que dedicou seus últimos anos de vida à formulação de uma nova teoria sobre o fenômeno da comunicação. Libanio, um de seus discípulos, avalia as dimensões dos esboços deixados por seu orientador com postura crítica e com o intento de colocar ordem em questões levantadas por autores que primeiro comentaram a proposta de Marcondes Filho.

Os três artigos seguintes tensionam temas políticos com questões de gênero, especificamente relacionadas às mulheres. *Covid-19 e jornalismo independente: experiências e interseccionalidade nas narrativas e leituras sobre a primeira vacinada no Brasil*, de Ana Carolina Damboriarena Escosteguy, Suzanne Borela e Simone Munir Dahleh, discute a recepção, por mulheres negras, de notícias sobre o início da vacinação contra o coronavírus no país, publicadas por sites de jornalismo independente, a partir do corte epistemológico da interseccionalidade. “*Tudo Tem Seu Tempo*”: *signos na publicidade da política de prevenção da gravidez na adolescência*, de Isabella Szabor Machado Mustafé e Tamires Ferreira Coêlho, focaliza uma campanha de prevenção à gravidez na adolescência, lançada pelo Ministério da Saúde (MS) e pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), em 2020, destacando como valores associados a um conservadorismo cristão foram projetados em uma política de Estado. E *Mulheres nas capitais: democracia, representação e imagem pública nas eleições de 2020*, de Mércia Alves e Joyce Miranda Leão Martins, se volta à construção da imagem de candidatas que concorreram ao cargo de prefeita em quatro capitais brasileiras, durante o último pleito municipal ocorrido no Brasil.

Na sequência, Manuela do Corral Vieira e Vitória Melo Galvão, em *Objetos que atravessam, ações que silenciam: apontamentos sobre as narrativas de sustentabilidade no consumo*, discutem a apropriação das pautas de defesa do meio ambiente pelo capitalismo, notando como a lógica do consumo distorce o sentido da preservação ambiental conforme interesses que visam ao lucro.

Por sua vez, Carlos Eduardo Marquioni, em *Da apresentação de si em imagens íntimas amadoras: a manutenção de padrões de cultura visual apesar de mudanças tecnológicas (o caso brasileiro 1980-2010)*, analisa a estética da pornografia amadora, evidenciando que o desenvolvimento das mídias – de analógicas a digitais – não alterou o que chama de “padrões de cultura visual” na exposição de corpos e de performances sexuais.

Nos últimos três artigos, a ênfase recai sobre o audiovisual. *O espaço-tempo das cidades distópicas da série 3%*, de Flavia Suzue de Mesquita Ikeda e Maria Cristina Palma Munglioli, recorre ao conceito de cronotopo, de Mikhail Bakhtin, para compreender a construção do ambiente distópico em uma série da Netflix. “*Vocês não imaginam o prazer que é estar de volta*”: *convergências de narrativas melodramáticas em telenovela e reality show*, de Douglas Maia Colarés e Rejane de Mattos Moreira, encontra feições de melodrama em duas produções da TV Globo – a novela *O Outro Lado do Paraíso* e o *Big Brother Brasil* –, aproximando textos e situações extraídos dos dois casos. Por fim, *Mercado de streaming: panorama avaliativo para a proposição de um esquema teórico*, de Bernardo Fontaniello e Marcelo Magalhães Bulhões, propõe um modelo teórico que pode ser utilizado como parâmetro para a análise de produções feitas para distribuição em plataformas digitais.

No espaço **Resenha** – com o texto *Conhecendo a Instagram face* –, Raquel Assunção Oliveira percorre a linha argumentativa do livro *O Instagram está padronizando os rostos?*, de Camila Cintra (Estação das Letras e Cores, 2021), que demonstra, por meio de análises e reflexões, como as imagens de rostos humanos estão se adequando, cada vez mais, ao padrão estipulado pela plataformização.

* * *

Cabe ainda destacar que **LÍBERO** chega ao **nº 50** com novo logotipo e com selo comemorativo. Desde 2020, temos avançado em melhorias e em ajustes em sua forma e em seu conteúdo – entre as quais, o projeto gráfico, reformulado no ano passado. Agora, mostrou-se importante demarcar seu “jubileu de prata”.

É bom dizer que o logo e o selo estão em linha com a identidade visual escolhida para a comemoração dos 75 anos da Faculdade Cásper Líbero, também celebrados em 2022.

Trabalho contínuo e coletivo

Após 25 anos de publicação praticamente ininterrupta, já podemos dizer que **LÍBERO** se apresenta como um dos espaços mais tradicionais de publicação de pesquisas em comunicação no Brasil, acompanhando transformações e desenvolvimentos do campo, do objeto que prioriza e de seu próprio escopo.

Esse trabalho contínuo só se faz possível no coletivo. É por isso que aproveitamos a deixa desta edição para apresentar o novo Conselho Editorial Nacional, constituído para um mandato de dois anos, que se iniciou em 1º de abril de 2022 e terminará em 31 de março de 2024. A nova conformação do grupo, com 59 nomes, buscou, em primeiro lugar, prezar por diversidade geográfica – veja-se que todos os 26 estados brasileiros, mais o Distrito Federal, estão aí representados – e de campos de atuação; depois, estabelecer um regime de trabalho voluntário com prazo determinado e com funções previamente acordadas (como quantidade de avaliações por ano, por exemplo); e, enfim, o estreitamento de vínculos com as conselheiras e os conselheiros, que estão sendo acionados não apenas para avaliações de originais, mas também para consultas a respeito de decisões a serem tomadas (como escolha de temas para dossiês) ou, mesmo, para conduzir a organização desses núcleos temáticos.

A lista do novo Conselho Nacional, bem como do Conselho Internacional – cuja formação antiga foi mantida –, está apresentada abaixo e se encontra também no expediente da revista. Aproveitamos a oportunidade para novamente agradecer pela adesão e pelos esforços de todas e todos, bem como pela dedicação dos membros da Comissão Editorial, os quais têm possibilitado enfrentar os desafios colocados no horizonte de **LÍBERO** – e que, ao longo de duas décadas e meia, não foram poucos; juntos, porém, podemos esperar que venham outros mais, porque a força do coletivo nos possibilitará enfrentá-los.

Conselho Editorial Nacional (2022-2024):

Alda Cristina Silva da Costa (Universidade Federal do Pará, PA)

Allysson Viana Martins (Universidade Federal de Rondônia, RO)

Ana Paula Ladeira Costa (Universidade Estadual de Goiás, GO)

Ana Regina Rêgo (Universidade Federal do Piauí, PI)

Ângela Cristina Salgueiro Marques (Universidade Federal de Minas Gerais, MG)

Antonio Carlos Hohlfeldt (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS)

Antonio Carlos Sardinha (Universidade Federal do Amapá, AP)

Camilla Quesada Tavares (Universidade Federal do Maranhão, MA)

Carlos Eduardo Franciscato (Universidade Federal de Sergipe, SE)

Cláudia Maria Arantes de Assis Saar (Universidade Federal do Amapá, AP)

Cynthia Mara Miranda (Universidade Federal do Tocantins, TO)
Daiani Ludmila Barth (Universidade Federal de Rondônia, RO)
Denise Tavares da Silva (Universidade Federal Fluminense, RJ)
Edson do Prado Pfüzenreuter (Universidade Estadual de Campinas, SP)
Felipe Simão Pontes (Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR)
Fernanda Ribeiro de Salvo (Universidade Federal do Acre, AC)
Fernando Firmino da Silva (Universidade Estadual da Paraíba, PB)
Florence Marie Dravet (Universidade Católica de Brasília, DF)
Francisco Gilson Rebouças Porto Junior (Universidade Federal do Tocantins, TO)
Gabriela Santos Alves (Universidade Federal do Espírito Santo, ES)
Greice Schneider (Universidade Federal de Sergipe, SE)
Isabella Chianca Bessa Ribeiro do Valle (Universidade Federal da Paraíba, PB)
Ismar Capistrano Costa Filho (Universidade Federal do Ceará, CE)
Jacqueline Lima Dourado (Universidade Federal do Piauí, PI)
Jacques Mick (Universidade Federal de Santa Catarina, SC)
João Batista Freitas Cardoso (Universidade Municipal de São Caetano do Sul, SP)
Jorge Luiz Cardoso Filho (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, BA)
José Carlos Messias Santos Franco (Universidade Federal do Maranhão, MA)
Juciano de Sousa Lacerda (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN)
Juliano Mendonça Domingues da Silva (Universidade Católica de Pernambuco, PE)
Juremir Machado da Silva (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS)
Laan Mendes de Barros (Universidade Estadual Paulista, SP)
Lia da Fonseca Seixas (Universidade Federal da Bahia, BA)
Luã José Vaz Chagas (Universidade Federal de Mato Grosso, MT)
Lucas Milhomens (Universidade Federal do Amazonas, AM)
Luç Maria Teston (Universidade Federal do Acre, AC)
Luiz Signates (Universidade Federal de Goiás, GO)
Maíra Evangelista de Sousa (Universidade da Amazônia, PA)
Manuela Rau de Almeida Callou (Universidade Federal de Alagoas, AL)
Marcelo Kischinhevsky (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ)
Marcia Benetti (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS)
Márcia Gomes Marques (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS)
Marcos Paulo da Silva (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS)
Maria Angela Pavan (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN)
Mauro de Souza Ventura (Universidade Estadual Paulista, SP)
Michele Goulart Massuchin (Universidade Federal do Paraná, PR)
Mirna Feitoza Pereira (Universidade Federal do Amazonas, AM)
Monica Martinez (Universidade de Sorocaba, SP)
Mozahir Salomão Bruck (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG)
Muniz Sodré (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ)
Nélia Rodrigues Del Bianco (Universidade de Brasília, DF)
Osmar Gonçalves dos Reis Filho (Universidade Federal do Ceará, CE)
Priscila Muniz de Medeiros (Universidade Federal de Alagoas, AL)

Rafael Bellan Rodrigues de Souza (Universidade Federal do Espírito Santo, ES)
Rafael Sbeghen Hoff (Universidade Federal de Roraima, RR)
Raquel Ritter Longhi (Universidade Federal de Santa Catarina, SC)
Rogério Luiz Covalski (Universidade Federal de Pernambuco, PE)
Tamires Ferreira Coêlho (Universidade Federal de Mato Grosso, MT)
Vilso Junior Santi (Universidade Federal de Roraima, RR)

Conselho Editorial Internacional:

Bernard Darras (Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, França)
David Hernández García (Universidad de Antioquia, Colômbia)
Dov Shinar (Netanya Academic College, Israel)
Fernando Andacht (Universidad de la República, Uruguay)
Jorge González (Universidad Nacional Autónoma de México, México)
José Enrique Finol (Universidad del Zulia, Venezuela)
Josep María Català (Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha)
Massimo Leone (Libera Università di Lingue e Comunicazione, Itália)
Mauro Porto (Tulane University, Estados Unidos)
Michael Rinn (Université de Bretagne Occidentale, França)
Raúl Hernando Osorio Vargas (Universidad de Antioquia, Colômbia)
Rosa Franquet i Calvet (Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha)
Thomas Bauer (Universität Wien, Áustria)
Victor Echeto (Universidad de Zaragoza, Espanha)
Winfried Nöth (Universität Kassel, Alemanha)